

Leituras em gênero e libido: a representação do desejo nas obras “A Hora da Estrela e “A Imitação da Rosa”

Readings on Gender and Libido: The Representation of Desire in “The Hour of the Star” and “The Imitation of the Rose”

Letícia Schneider Ferreira¹
 Natália Fernandes Zanella²

Resumo

A vigência de uma estrutura social patriarcal, que ainda orienta a sociedade, exige o controle dos corpos femininos para seu adequado funcionamento: uma série de dispositivos discursivos prescrevem as formas de comportamento esperados das mulheres, regulando ações e sentimentos. É necessário, então, refletir sobre como as questões gênero estão refletidas em diferentes instrumentos que compõem a cultura, como a literatura, observando de que modo as mulheres são retratadas e quais ideais relativos ao feminino estão presentes em diferentes narrativas. O corpo das mulheres, ao longo da história ocidental foi objeto de discursos diversos, tais como aqueles guiados por um pensamento religioso, associando o feminino ao pecado e ao mal. Assim, o exercício da libido e do desejo por parte das mulheres foi comumente apresentado como algo fora dos padrões de normalidade e quando vivenciado, deveria ser passível de diferentes castigos. O presente estudo tem por objetivo realizar a análise de duas obras da escritora Clarice Lispector: *A Hora da Estrela* e *A Imitação da Rosa*, buscando compreender como a autora aborda o tema da libido feminina, evidenciando os sentimentos e desejo das personagens Macabéa e Laura. O projeto, de cunho qualitativo, teve como metodologia a leitura e fichamento das obras selecionadas, observando relações e vínculos de desejo das protagonistas, comparando as aproximações e distanciamentos entre elas, juntamente com uma ampla revisão bibliográfica acerca dos assuntos de gênero e sexualidade. A análise das obras possibilitou a observação de que as duas personagens são apresentadas como mulheres que procuram coibir sua libido, havendo a forte influência do discurso religioso sobre suas maneiras de agir e sentir. Assim, o estudo contribui para refletir sobre como Lispector permite desvelar os olhares sobre os corpos das mulheres e suas consequências, no intuito de libertar as mulheres de visões que ainda as oprimem na atualidade.

Palavras-chave: Gênero e Sexualidade. Libido feminina. Clarice Lispector.

Abstract

The persistence of a patriarchal social structure, which continues to guide society, demands control over women's bodies for its proper functioning: a series of discursive mechanisms prescribe the expected behaviors of women, regulating their actions and emotions. It is therefore necessary to reflect on how gender issues are represented in various cultural instruments, such as literature, examining how women are portrayed and which ideals related to femininity are present in different narratives. Throughout Western history, women's bodies have been the object of diverse discourses, including those shaped by religious thought, which often associated femininity with sin and evil. As a result, the expression of libido and desire by women has commonly been depicted as outside the bounds of normality and, when experienced, subject to various forms of punishment. This study aims to analyze two works by the writer Clarice Lispector: *The Hour of the Star* and *The Imitation of the Rose*, seeking to understand how the author addresses the theme of female libido, highlighting the feelings and desires of the characters Macabéa and Laura. This qualitative project employed a methodology based on reading and annotating the selected works, observing the protagonists' relationships and expressions of desire, and comparing the similarities and differences between them, alongside an extensive literature review on gender and sexuality. The analysis of the works revealed that both characters are portrayed as women who attempt to suppress their libido, with religious discourse exerting a strong influence over their ways of acting and feeling. Thus, the study contributes to a reflection on how Lispector helps

¹ Doutora em História pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil). Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6292-3028> E-mail: leticia.ferreira@bento.ifrs.edu.br

² Estudante do 3º ano do Ensino Médio Integrado ao curso Técnico em Meio Ambiente. IFRS (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil) Orcid: 0009-0003-6794-1729 E-mail: nataliazanellafernandes@gmail.com

unveil perspectives on women's bodies and their consequences, aiming to liberate women from views that continue to oppress them today.

Keywords: Gender and Sexuality. Libido. Clarice Lispector.

1 Introdução

Clarice Lispector foi uma das mais destacadas escritoras brasileiras, dada a originalidade de sua escrita, marcada pela introspecção das personagens e por modos de redação que rompem com uma estrutura narrativa tradicional: a autora possibilita que o/a leitor/a mergulhe no universo particular das figuras ficcionais por ela criada. Nascida na Ucrânia em 1920, a família de Clarice se mudou para o Brasil no intuito de fugir das constantes perseguições sofridas pelos judeus naquele período e território, e a escritora passou a maior parte de sua infância em Recife, transferindo-se, posteriormente, para o Rio de Janeiro. Desde cedo, Lispector interessou-se pela literatura e publicou seu primeiro livro, “Perto do Coração Selvagem” em 1944, o qual causou furor junto à crítica literária, dada a originalidade da estrutura do texto.

O presente trabalho busca refletir sobre a representação do desejo feminino nas obras “A Hora da Estrela” (1977) e “A Imitação da Rosa” (1960), de Clarice Lispector, observando como as questões de gênero interferem na expressão da libido das personagens. “A Hora da Estrela” é a última obra da escritora, que faleceu no mesmo ano de sua publicação, e narra a história de Macabéa, uma jovem nordestina que trabalha como datilógrafa no Rio de Janeiro e é apresentada ao/a leitor/a por meio do olhar do protagonista Rodrigo S.M., o narrador responsável por descrever as desventuras da personagem. Macabéa é descrita como uma mulher simples, despossuída de beleza e de quaisquer outros atrativos. A obra apresenta uma sensível crítica sobre as pessoas invisibilizadas na sociedade, como mulheres que migram em busca de um futuro melhor.

O conto “A Imitação da Rosa” compõe a coletânea denominada “Laços de Família”, de 1960, e narra a história de Laura, uma mulher de classe média que vivencia um momento de profunda angústia ao ter que decidir se presentearia uma amiga com um buquê de rosas que almejava para si mesma. Lispector demonstra uma expressiva habilidade narrativa ao permitir que o/a leitor/a acompanhe o fluxo de pensamentos e memórias de Laura, muitas vezes opacos e de difícil compreensão, possibilitando diferentes interpretações. O enredo é conduzido de tal modo que questões consideradas tabus sociais no contexto histórico de produção da história, como o desejo feminino e outros tópicos vinculados às mulheres, sejam levantados para a reflexão a partir da literatura.

Em um primeiro momento, serão abordadas as questões relativas a gênero e sexualidade, refletindo sobre esta categoria de análise, assim como sobre os discursos que ao longo do tempo procuraram conformar os corpos femininos. Em seguida, será realizada uma análise sobre o conto “A Imitação da Rosa”, tendo como foco a protagonista Laura, analisando questões relativas ao perfil da personagem e como os elementos culturais referentes à composição de um ideal sobre o feminino impactam na experiência vivenciada pela jovem. Posteriormente, será evidenciada a obra “A Hora da Estrela”, avaliando de que modo Macabéa é descrita e como a personagem se conforma ou rompe com as opressões de gênero sofridas. Por fim, serão realizadas algumas considerações finais relativas às produções estudadas e à importância da literatura para refletir sobre as questões de gênero, no intuito de identificar discurso ainda presentes atualmente e que ainda reprimem o corpo e o comportamento feminino.

2 Vozes silenciadas e corpos submissos (ou não?)

As mulheres, ao longo do tempo, foram objeto de atenção nos mais diversos textos históricos, sejam estes filosóficos, tratados médicos, obras literárias, revelando um considerável interesse sobre seu comportamento. A produção escrita, por muitos séculos, ficou prioritariamente a cargo dos homens, o que permite deduzir que muitos dos discursos construídos sobre o feminino na história passou pelo crivo masculino, não havendo, certamente, isenção em tais narrativas, mas intencionalidades de construir espaços e papéis para cada segmento social. De fato, há uma série de tentativas de prescrever maneiras de ser, agir e pensar para o segmento feminino, buscando coibir seus posicionamentos e suas vozes. Segundo Perrot (2005)

No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus e Homem. O Silêncio é o comum das mulheres. Ele convém a sua posição subordinada e secundária. Ele cai bem em seus rostos levemente sorridentes não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável dor. (...) O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento (Perrot, 2005, p.10)

A construção de uma série de dispositivos discursivos (Foucault, 2010) os quais impõem à mulher determinado modo de se relacionar consigo e com o mundo foi, por muito tempo, invisibilizada, e muitos dos aspectos associados ao feminino eram apresentados como do âmbito da natureza. A perspectiva de gênero, que ganha força a partir dos anos 1960-1970, momento em que um número

maior de mulheres passa a ocupar espaços universitários, como alunas, professoras e pesquisadoras e começam a produzir estudos voltados para compreender melhor a sua realidade, se introduz para ressignificar afirmações que se valiam de argumentos explicativos da esfera do biológico. Assim, gênero mostra-se uma categoria que revela as disparidades constituídas entre homens e mulheres, as quais estão vinculadas à cultura e à historicidade. Scott argumenta que

O núcleo da definição [de gênero] repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (Scott, 1995, p.86).

A compreensão sobre as perspectivas de gênero é fundamental para entender a o controle que se constitui sobre os corpos femininos, que são, em muitos discursos, especialmente na edificação do cristianismo, apresentados como fontes de pecado e locais de tentação para o homem. Há um imaginário sobre o feminino que é reforçado por uma série de pensadores ao longo do tempo e que retratam as mulheres sob uma ótica negativa, a partir da lógica da “fraqueza” ou da “maldade” feminina. Deste modo, foram sendo construídas personagens que exemplificavam tal olhar a ponto de associar as mulheres às características que as definiam, como, por exemplo, no caso das religiões judaico-cristãs, à imagem de Eva, a qual seria responsável pela expulsão do ser humano do paraíso. Durante o período medieval tal visão passa a ser bastante popular e muitos pensadores esforçavam-se em apresentar o feminino por uma ótica negativa. Em relação a estes textos, Macedo expõe que

Tratava-se de enunciar os perigos que se escondiam na natureza aparentemente frágil do sexo feminino, presentes já na figura arquetípica da mulher: Eva. Imagem paradigmática recorrentemente invocada pelos pensadores cristãos; em Eva teriam encontrado a marca primordial da debilidade feminina, sua fraqueza e propensão para a danação. (Macedo, 2006, p.2-3)

Deste modo, é possível perceber que ao longo dos séculos se estrutura um ideário que apresenta as mulheres a partir de uma série de elementos que não são valorizados socialmente, construindo um discurso sob o qual este segmento da sociedade é percebido como pouco confiável e até mesmo perigoso. Os textos bíblicos, por exemplo, contêm uma série de personagens femininas que, mesmo se cometem algum ato louvável, ainda assim remetem à necessidade de atenção às suas ações, pois possuem uma suposta natureza traiçoeira. O corpo feminino era compreendido como belo e atraente e, exatamente por isso muitos escritores do período medieval alertavam para os perigos de sucumbir aos seus encantos. Ferreira reflete sobre este tema, afirmando que

A questão da sensualidade e sua correlação com o feminino está presente não apenas na figura de Eva, mas também de outras personagens bíblicas cujo modelo foi referência no período medieval, entre as quais Judith e Dalila. Apesar da singularidade de suas histórias, ambas possuem o elo que acorrenta a todas as mulheres: o exercício da sexualidade para a obtenção de seus fins (Ferreira, 2012, p.63-64)

O corpo feminino é construído como sensual, como provocante, capaz de desviar a atenção dos homens para si. De fato, o olhar sobre o corpo é datado historicamente, e devido a seu caráter cultural, suas funções e os papéis que deveriam ser por eles cumpridos, variam ao longo do tempo. A maneira como o corpo feminino é lido gera uma série de prescrições sobre sua performance, bem como sobre os espaços em que este corpo pode atuar. Em relação a este debate, Goellner explicita que

O corpo é produto de uma construção cultural, social e histórica sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. (...) é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais e sua linguagem, visto que ele é construído também a partir daquilo que dele se diz (Goellner, 2015, p. 135)

Os discursos sobre os corpos femininos muitas vezes objetificam tais corpos, reduzindo as mulheres a seus corpos e criando formas de regular as ações deste segmento social. O ideário que apresenta o corpo feminino como algo nefasto, sujo e temível incentiva a criação de estratégias de vigilância e de autovigilância, para conter suas pulsões pecaminosas. De fato, a construção de papéis sociais valorizados para as mulheres, como esposa ou mãe, enfoca determinados modos de posicionar o corpo, de o vestir, de o esconder, o que demonstra, uma vez mais, a importância de entender o gênero como essa linguagem que constrói a realidade. Butler explicita que

(...) o gênero não é de modo algum uma identidade estável nem locus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente. (Butler, 2018, p.3)

É a partir de uma série de atos que as mulheres aderem intuitivamente às prescrições sociais, ou ao contrário, com elas procuram romper. De fato, as mulheres impuseram uma série de obstáculos para que os padrões impostos fossem seguidos de modo completo, procurando lacunas, alternativas aos modelos de ser e sentir. A disciplina dos corpos femininos encontrou, muitas vezes, resistências visíveis ou não, por parte das mulheres e que se refletiam em pequenos gestos, palavras

ou outras formas de insubmissão. Em relação às mulheres e sua atuação ao longo da história, Perrot afirma que

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos [...] elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. (Perrot, 1988, p.202)

A literatura é uma ferramenta potente para o debate sobre os temas relativos aos olhares de gênero e o feminino, podendo ser um instrumento de manutenção sobre determinados discursos vinculados às mulheres e sua suposta fragilidade, por meio da construção de personagens que necessitam de proteção ou que orbitam no entorno de um protagonista masculino ou, ao contrário, de figuras femininas que rompem com tais posturas. A produção ficcional pode abrir uma série de possibilidades de repensar o feminino, apresentando personagens de expressiva densidade emocional e intelectual, que instiguem à discussão sobre as desigualdades de gênero e como estas afetam a vida das mulheres. A partir desta compreensão das possibilidades trazidas pelo material literário e pela representação do feminino, é fundamental a leitura das obras de Clarice Lispector, autora que é bem sucedida em relação ao objetivo de apresentar personagens femininas de modo introspectivo, revelando um universo interior pleno de contradições, o que propicia um debate sobre as questões de gênero e seus impactos sobre a realidade vivenciada pelas mulheres.

3. A Imitação da Rosa: Laura, aquela que se reprime

A Imitação da Rosa é um conto que compõe a coletânea “Laços de Família”, lançado em 1960, e narra a história de Laura, uma mulher que possui uma vida confortável, casada com Armando e que se prepara para jantar com um casal de amigos. Dona de casa, Laura antecipa em seu pensamento o desenrolar do evento, momento em que o esposo se envolveria em uma conversa com o amigo, enquanto ela daria atenção à Carlota, figura que, ao longo do conto, mostra sua influência para o imaginário da protagonista, que constantemente a ela se compara. Desde o início, o/a leitor/a pode observar que a personagem enfatiza que naquele momento se encontra “bem”, sugerindo que, em algum momento, não esteve em tal condição. É possível identificar, ao longo de toda a história que Laura realiza um hercúleo esforço para conter seus impulsos e desejos, conforme salienta Silva

Laura é a representação do corpo disciplinado pois cede às estruturas de dominação: é submissa e oprimida, mas surpreendentemente usa o discurso do suposto desequilíbrio mental para contestar o anulamento do espaço privado e suas representações. A insatisfação diante do destino que lhe é imposto é categoricamente denunciado pela personagem Laura que não se identifica com a fragilidade do lar artificial que foi criado para que ela simplesmente existisse. (Silva, 2013, p.21)

A protagonista do conto dedica-se a se tornar invisível, pois esta é a compreensão de um feminino idealizado, ou seja, uma mulher submissa, discreta. Sutilmente, Lispector nos apresenta as permanentes tentativas de Laura em não chamar a atenção e a culpa que sente de ter perturbado o ambiente e causado preocupação quando não estava “bem”, o que pode ser inferido em passagens nas quais ela refere o prazer que seria ver Armando, relaxado, “esquecido dela”.

Assim, a partir deste trecho da obra, permite-se inferir que a expectativa sobre o comportamento adequado de uma esposa é que ela oferecesse suporte a seu cônjuge de forma sub-reptícia, atuando nas margens, para que ele pudesse se concentrar no que realmente fosse importante. No momento em que o/a leitor/a acompanha o fluxo de pensamento da personagem, torna-se explícito o desconforto que esta sente ao ser o centro das atenções, como certamente o foi ao vivenciar um colapso: a personagem não deseja ser fitada ou receber mais do que algo próximo à indiferença daquelas/es com quem interage, ansiando apenas por ser esquecida.

A paz de um homem era, esquecido de sua mulher, conversar com outro homem sobre o que saía nos jornais. Enquanto isso, ela falaria com Carlota sobre coisas de mulheres, submissa à bondade autoritária e prática de Carlota, recebendo, enfim, de novo a desatenção e o vago desprezo da amiga, a sua rudeza natural e não mais aquele carinho perplexo e cheio de curiosidade – e vendo, enfim, Armando esquecido da própria mulher. Ela mesma, enfim, voltando à insignificância com reconhecimento. (Lispector, 1960, p.159)

Laura procura ao longo da história, abafar seus desejos, pois o imaginário sobre o feminino descrito por meio de seu comportamento, era exatamente a contenção, o silêncio. A personagem se sente tranquila em sua casa, a qual decorou de maneira tal que esta lembrasse um espaço hospitalar, questão que é recorrentemente lembrada ao/a leitor/a, pois o fato de a personagem ter sofrido algum transtorno psíquico, mesmo sem que seja revelado exatamente qual, é fundamental para a narrativa. A protagonista procura expulsar de seus pensamentos qualquer sinal de perturbação ou de personalidade, como se pudesse construir um caráter neutro para si mesma.

Sentou-se no sofá como se fosse uma visita na própria casa, tão recentemente recuperada, arrumada e fria, lembrava a tranquilidade de uma casa alheia. O que era tão satisfatório: ao contrário de Carlota, que fizera de seu lar algo parecido com ela própria, Laura tinha tal prazer em fazer de sua casa uma coisa impessoal; de certo modo perfeita por ser impessoal. (Lispector, 1960, p.162)

Metódica, Laura é perfeccionista e fica em constante autovigilância para não permitir uma recaída. Executa com cálculo as tarefas pelas quais é responsável enquanto boa esposa, como passar a roupa de Armando. Laura expõe que tais atividades a deixam cansada, impedindo que esta fosse levada por seus pensamentos, o que poderia ser perigoso. A independência é observada sob uma ótica negativa, pois ela não seria natural da mulher, sendo “o gênio a pior tentação” (Lispector, 1960, p.163). Não apenas o ato de pensar, querer, imaginar pode ser tentador, como o próprio corpo: a protagonista esforça-se para vestir cores neutras, como um vestido marrom com gola cor de creme, descrevendo-se como uma “mulher castanha”, um corpo que precisava ser disfarçado e não provocar o desejo. Lispector enfatiza, ao descrever a personagem: “o vestido marrom combinava com seus olhos, e a golinha de renda creme dava-lhe alguma coisa de infantil, como um menino antigo” (Lispector, 1960, p.165), ou seja, um corpo de menino e não de mulher. Entretanto, em meio a seus esforços, o fluxo de pensamento leva Laura a apresentar ao/a leitor/a outras facetas de seu cotidiano, demonstrando a existência de desejo e paixão em sua relação com o esposo, a qual precisaria ser silenciada, mesmo subsistindo em sua mente.

Ninguém diria, mas Armando podia ser as vezes muito malicioso, ninguém diria. De vez em quando eles diziam a mesma coisa. Ela explicava que era por causa de insuficiência ovariana. Então ele falava assim: “De que é que me adiantava ser casado com uma bailarina?” Às vezes ele era muito sem-vergonha, ninguém diria. Carlota ficaria espantada se soubesse que eles tinham vida íntima e coisas a não contar, mas ela não contaria, era uma pena não contar (...) (Lispector, 1960, p.166)

A história vai se desenrolando e pouco a pouco é possível verificar também as influências religiosas que foram inculcadas durante a infância de Laura, quando esta estudava em um colégio religioso junto com Carlota. Enquanto ela procurava se adequar, Carlota esbanjava vitalidade, ria alto. Laura contrasta com a amiga, pois se apresenta como cuidadosa e lenta. A leitura da obra “A Imitação de Cristo” é uma referência trazida pela personagem, que reflete sobre a impossibilidade de seguir este exemplo, pois Jesus é vinculado à luminosidade, à luz, e Laura deseja apenas ser “castanha”.

Já no tempo do Sacré Coeur ela fora arrumada e limpa, com um gosto pela higiene e um certo horror à confusão (...) Quando lhe haviam dado para ler a “Imitação de Cristo”, com um ardor de burra ela lera sem entender, mas, que Deus a perdoasse, ela sentira que quem imitasse Cristo estaria perdido — perdido na luz, mas perigosamente perdido. Cristo era a pior tentação. (Lispector, 1960, p.160-161)

Entretanto, paulatinamente, Laura vai se sentindo relaxada e passa a se tornar menos atenta a seus pensamentos e sentimentos, de tal modo que “esquece” uma das recomendações do médico: a de beber leite para não se sentir ansiosa. O leite remete à brancura e à calma, mas também à infância,

e na perspectiva de gênero apresentada pelos padrões impostos à Laura, ser mulher é uma forma de se manter criança, dependente do esposo. Este é um primeiro sinal que demonstra que o fluxo do mundo interior de Laura passa a se sobrepor à realidade. Diniz aponta que

Clivados pelo texto, há vários pequenos indícios de que, uma vez que Laura experimentara o arrebatamento da suposta loucura, as forças que a arrastarão de volta a ele estão espreitando e agindo à surdina. O primeiro indício da crise que será engendrada em seu espírito pode ser apontado já no início do conto, na traição a si mesma pela qual ela esquece de tomar o copo de leite. Afinal, ele fora recomendado pelo médico para que ela não ficasse de estômago vazio e acabasse, assim, ficando ansiosa. (Diniz, 2013, p.11)

Laura acaba tendo sua pacata manhã abalada pela visão de um buquê de rosas que estavam em um jarro na sua sala e é surpreendida pela beleza das flores. A visão das rosas cria um dilema interno para a dona de casa, pois, desconcertada, não sabia o que fazer com essas flores, pois estas se destacavam no espaço da sala e esta se sentia incomodada por isso.

Eram algumas rosas perfeitas, várias no mesmo talo. Em algum tinham trepado com ligeira avidez uma sobre as outras, mas depois, o jogo feito, haviam se imobilizado tranquilas. Eram algumas rosas perfeitas na sua miudez, não de todos desabrochadas, e o tom rosa era quase branco. Parecem até artificiais! disse em surpresa. Poderiam dar a impressão de brancas se estivessem totalmente abertas, mas com as pétalas centrais enrodilhadas em botão, a cor se concentrava e, como num lóbulo de orelha, sentia-se o rubor circular dentro delas (Lispector, 1960, p.168)

As rosas perturbam Laura, por que falam sobre ela mesma: as flores não estariam totalmente desabrochadas, como a própria dona de casa, que guardava em seu interior toda uma complexidade. A personagem ressalta que parecem artificiais tal sua perfeição, evidenciando o tema das aparências, da performance para a avaliação externa. A jovem esposa sofre a constante aflição de ser avaliada pelo olhar externo, não tem filhos, se sente uma mulher amputada por tal situação. Ela revela que a perfeição é artificial, ela não existe, as rosas parecem brancas, mas não são realmente dessa cor. Laura também, devota-se em se apresentar como uma boa esposa, quando guarda em si sentimentos contraditórios, teme se perder. As rosas parecem brancas, claras, porém em verdade concentram a cor em seu interior, escondida, a qual estava pronta para se revelar.

Laura cogita entregar as flores para Carlota, como se não as merecesse, e estas flores combinassem mais com a amiga. A protagonista parece ver a si mesma como alguém que não seria merecedora de tamanha beleza, um excesso de beleza que destrutura a frágil estabilidade da dona de casa. Um conflito interno instaura-se e Laura se vê entre decidir entregar as rosas para a empregada, no intuito de que esta preparasse o ramallete para Carlota, e ficar com as rosas para si.

Laura resolve entregar as rosas, mas depois se arrepende, sente um vazio ou percebe um vazio já existente. A ausência das rosas leva a personagem a perceber a ausência de si mesma, do desejo que precisa constantemente reprimir. Em relação à protagonista, Silva argumenta que

O seu comportamento é fruto de uma estrutura familiar cuja organização é pautada nos ditames do patriarcalismo. Convivendo com o desejo de ultrapassar os limites da opressão, Laura, protagonista da narrativa, vive em constante busca de reafirmação do ser. Deseja o espaço público (a rosa é o símbolo do objeto desejado) e teme comprometer a estabilidade do espaço privado (o lar). Essa dualidade processa na protagonista um estado de alma desajustado. (Silva, 2013, p.20)

Clarice Lispector habilmente encerra seu conto deslocando o olhar para um narrador externo, pois após acompanharmos o intenso fluxo de pensamento de Laura, a escritora passa a narrar a cena por meio do olhar do esposo, Armando, que retorna para casa. E ao ver a esposa e com ela dialogar compreende que Laura mais uma vez encontrou a si mesma, sua própria luz. Ela mesma anuncia essa mudança ao esposo, o que pode ser compreendido como um momento de libertação de Laura, que foi talvez internada ou considerada louca ao se entender como sujeito de sua vida. A Armando, restava admirar a esposa, que assumia o controle de seu caminho.

Ela estava sentada com o seu vestidinho de casa. Ele sabia que ela fizera o possível para não se tornar luminosa e inalcançável. Com timidez e respeito, ele a olhava. Envelhecido, cansado, curioso. Mas não tinha uma palavra sequer a dizer. Da porta aberta via sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranqüila como um trem. Que já partira. (Lispector, 1960, p.178)

4. A Hora da Estrela: a luz que se acende quando tudo se apaga

A Hora da Estrela (1977) tem como protagonista Macabéa, uma jovem nordestina que migra para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor, mas, quase analfabeta, só consegue um emprego de datilógrafa. O narrador da história, Rodrigo S.M., apresenta a jovem como uma mulher insossa, uma moça “feia” e “muito magra”. O olhar do personagem recai com bastante frequência sob os aspectos físicos de Macabéa, recordando a perspectiva que a categoria gênero permite desvelar, ou seja, a associação do feminino ao corpo. O autor-personagem decide redigir a história de Macabéa, realizando uma série de digressões sobre o ato de escrever, seus percalços e expectativas. Rodrigo S.M. não acredita que a história da jovem nordestina seja empolgante ou que vá cativar o leitor, sendo que as primeiras páginas produzidas, em certo momento, se encontravam na lixeira, o que demonstra o desprezo do autor por Macabéa. Rosebaum salienta esta questão, expondo que

Lembremos que a história de Macabéa é uma tentativa de reprodução de três páginas que literalmente foram jogadas no lixo pela cozinheira do narrador. O livro já surge como uma versão resgatada da lixeira, uma cópia aproximada de um original perdido. Essa origem rebaixada da narrativa em sua materialidade deixa entrever o rebaixamento da própria personagem, ela também o resíduo de uma experiência falhada. Não é preciso ressaltar que o fundo histórico nacional, que se articula à precária aventura da nordestina desenraizada rumo ao sudeste do Brasil, está dado desde o início nesse nascedouro. (Rosebaum, 2019, p.31)

O narrador esforça-se para apresentar uma personagem que é uma não-mulher: seu corpo é exíguo e ela só tem a si mesma na solidão da capital, uma vez que é órfã e não possui mais parentes. Sua existência não traz marcas significativas, ela “apenas inspira e expira”. Lispector descreve: “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo.” (Lispector, 1977, p.32). Macabéa é a antítese do feminino, ao mesmo tempo que o resume: fisicamente, a jovem não se destaca, é imperceptível, enquanto características como obediência e submissão professadas pela personagem cumprem exatamente as expectativas sobre as mulheres. Macabéa é descrita como tola, uma pessoa que não consegue de fato compreender sua condição miserável e infeliz. Nada se destaca na personagem além do fato de não conseguir se destacar. O narrador assim a descreve

Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação. Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofende-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio. (Lispector, 1977, p.36)

Entretanto, Macabéa é uma moça que deseja, que gosta de ouvir os ruídos da vida. Órfã, foi criada por uma tia que lhe inculcou temores referentes ao corpo e ao exercício do desejo, e Rodrigo S.M. explicita o esforço da moça para recalcar sua libido. A tia era muito rigorosa e agredia a jovem fisicamente, temendo que Macabéa se tornasse prostituta. É possível perceber por meio da narrativa a associação, presente no discurso religioso judaico-cristão que vincula o prazer à culpa, a algo errado e que, assim, deveria ser reprimido. A necessidade de conter o próprio corpo e anseios levava Macabéa a sonhar com relações sexuais, acordando entre feliz e culpada.

Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente com sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava, mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e, portanto, Ele não existia. (Lispector, 1977, p.42)

A personagem reproduzia, assim, a preocupação em ser uma moça correta, ou seja, casta. Uma das únicas ocupações de Macabéa era ouvir um rádio e qualquer notícia que fizesse referência ao ato sexual era por ela condenada, como um trecho no qual o locutor informava que o cavalo é um animal que não cruza com seus filhos, informação considerada indecente pela jovem. Macabéa vinculava a dor ao prazer, pois durante sua infância foi reprimida violentamente pela tia. Lins Jr. e Lima afirmam que

Macabéa é fruto de uma educação punitiva, na qual a tia acreditava que ela aprenderia com os castigos, mas, ainda assim, temia não conseguir atingir seu objetivo de responsável (única no mundo). Essa punição não se limitava à repressão moral, mas também ao corretivo físico (cascudos na cabeça, que deixavam de doer com o tempo), que parecia dar certo prazer à tia. Seria um recalque à repulsa que tinha pelo casamento – ou pela obrigação sexual que lhe é condicionada, a reprodução da espécie? Um recalque que se materializa na atitude sádica da tia e masoquista da sobrinha, ao se acostumar com a agressão (Lins Jr., Lima, 2018, p.64)

Macabéa acaba por encontrar um rapaz a quem passa a namorar: Olímpico de Jesus, o qual também é nordestino e metalúrgico. Ganancioso, ele sonha ser deputado e seu interesse por Macabéa parece residir na admiração que esta lhe devota. O jovem paraibano conta sobre seu passado e seus planos de futuro para a jovem. Macabéa espera que ele lhe peça em casamento, apenas se sente alguém a partir do olhar do outro, é Olímpico que a faz existir. A personagem parece não existir por si só, e por isso tem dificuldade de pensar de forma independente, talvez refletindo a própria perspectiva de um feminino que só existiria na dependência do outrem masculino, realidade comum em uma sociedade patriarcal.

Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava. Mas Olímpico não só pensava como usava palavreado fino. Nunca esqueceria que no primeiro encontro ele a chamara de “senhorinha”, ele fizera dela um alguém. Como era um alguém, comprou um batom cor-de-rosa. O seu diálogo era sempre oco. Dava-se conta longinquamente de que nunca dissera uma palavra verdadeira. E “amor” ela não chamava de amor, chamava de não-sei-o-quê. (Lispector, 1977, p.60)

Entretanto, Macabéa acaba sendo abandonada pelo namorado, que passa a se interessar por Glória, a colega de trabalho da jovem migrante. Esta personagem é apresentada como a antítese de Macabéa, pois é extravagante, possui um corpo gordo que causa inveja à jovem nordestina. Glória possui autoconfiança. Ao contrário de Macabéa, que demonstrava um temor em incomodar e passava muitas vezes despercebida, Glória gostava de se fazer presente, e não demonstrou qualquer pudor em se relacionar com o ex-namorado da jovem ou beijá-lo na frente dela. Glória é descrita como uma mulher impactante, que vivenciava o desejo sexual que Macabéa buscava reprimir.

Glória era toda contente consigo mesma: dava-se grande valor. Sabia que o sestro molengole de mulata, uma pintinha marcada junto da boca, só para dar uma gostosura, e um buço forte que ela oxigenava. Sua boca era loura. Parecia até um bigode. Era uma safadinha esperta mas tinha força de coração. Penalizava-se com Macabéa mas ela que se arranjasse, quem mandava ser tola? E Glória pensava: não tenho nada a ver com ela. (Lispector, 1977, p.69)

Todavia, Macabéa era um ser que sentia o clamor do próprio corpo. Apesar de abandonada por Olímpico, ainda mantinha sua foto, usando-a para despertar o desejo de seu corpo. A culpa que acompanhava a prática do desejar e da imaginação que buscava saciar tal desejo, fazia com que a personagem relembresse os castigos da tia e, rapidamente se esforçasse em compensar o mal com rezas, que poderiam aliviar sua alma. O narrador explicita esse elemento, exaltando a sensualidade da personagem

Macabéa, esqueci de dizer tinha uma infelicidade: era sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério. Havia, no começo do namoro, pedido a Olímpico um retratinho tamanho 3x4 onde ele saiu rindo para mostrar o canino de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e duas ave-marias para se acalmar (Lispector, 1977, p.66)

É somente na hora de sua morte que Macabéa tem sua “hora da estrela”: Macabéa é atropelada após sair de uma consulta a uma cartomante e acaba morrendo lentamente ao bater a cabeça no meio fio da calçada. Porém, é neste momento que ela é vista, pois as pessoas começam a se juntar a sua volta pela curiosidade mórbida de observar a vítima de um acidente. A jovem nordestina também consegue ver a si mesma, morrendo enquanto murmura “eu sou”. Seu corpo agonizante não perde a sensualidade, como aponta Rodrigo S.M. destacando mais uma vez a perspectiva de uma mulher-corpo, que só se torna plena em sua morte.

Então — ali deitada — teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. A morte que é nesta história o meu personagem predileto. Iria ela dar adeus a si mesma? Acho que ela não vai morrer porque tem tanta vontade de viver. E havia certa sensualidade no modo como se encolhera. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual? É que o rosto dela lembrava um esgar de desejo. (Lispector, 1977, p.86)

4. Considerações Finais

Clarice Lispector é uma autora de grande relevância para a literatura brasileira, pois, de forma exímia, apresentou uma série de obras que trazem as mulheres como protagonistas, vivenciando uma realidade que, naquele contexto, demonstra o quanto as mulheres estavam, e talvez ainda hoje estejam, submetidas a uma série de padrões ditados pela sociedade. A autora complexifica o cotidiano feminino, tido muitas vezes como insosso, demonstrando o rico universo intimista das personagens.

Foi possível identificar que as duas protagonistas pertencem a classes sociais diversas: enquanto Macabéa é uma mulher pobre e nordestina, Laura é uma mulher burguesa, que vive confortavelmente em seu apartamento. Porém, se evidencia que ambas mobilizam mecanismo de autocontrole de seus corpos e pensamentos. Ou seja, apesar das diferenças que as atravessam, um discurso de restrições sobre o desejo e a libido feminina é absorvido pelas mulheres de diferentes classes. A influência religiosa também se mostra presente em ambos os casos e, se descobrir enquanto humana leva a se perder, no caso de Laura, ou morrer, no caso de Macabéa.

Assim, este estudo pôde contribuir para refletir sobre ideais de feminilidade e demais questões de gênero, que incentivam as mulheres a restringirem seu desejo e sua sexualidade. As obras de Lispector auxiliam a observar a influência dos discursos religiosos e dos padrões sociais sobre o comportamento feminino, sendo que determinados sentimentos e sensações que são reprimidos, acabam por serem expostos em algum momento. A literatura pode ser, assim, uma ferramenta bem importante para a reflexão proposta, contribuindo para a equidade de gênero e o combate ao preconceito e à violência contra mulheres.

Referências

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

DINIZ, Diego. Entre Apolo e Dioniso: o pathos da tentação em “A imitação da rosa”, de Clarice Lispector. Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 12, n. 16, p. 103-119, 2013.

FERREIRA, Letícia Schneider. Entre Eva e Maria: a construção do feminino e as representações do pecado da luxúria no Livro das confissões de Martin Perez. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2012. 286 f. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56574/000859155.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de set. de 2025.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). Dicionário Crítico de Gênero. Dourados, MS:Ed. UFGD, 2015, p.134-137.

LINS JÚNIOR, José Raymundo F., LIMA, Rilna Marcia Barros. Macabéa, uma mulher insossa: repressão sexual e a construção da identidade feminina Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 6, n. 2, p. 54-70, jul.-dez. 2017.

LISPECTOR, Clarice. A Imitação da Rosa. In: Laços de Família. 1. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960, p.159-178. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/TODOS_OS_CONTOS-9788532530240.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACEDO, José Rivair. A face das filhas de Eva: os cuidados com a aparência num manual de beleza do século XIII. Revista de História, São Paulo, n. 155, p. 13–38, 2006.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

ROSENBAUM, Yudith. A escrita (do) impossível em A hora da Estrela. FronteiraZ, n. 23, p. 24-41, 2019. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10104553> Acesso em: 09 de set. de 2025.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.

SILVA, Gisélia Mendes da. A identidade patriarcal em “A imitação da rosa” de Clarice Lispector. Revista Fórum Identidades, 2013. Disponível em <https://ufs.emnuvens.com.br/forumidentidades/article/view/1731/1522>. Acesso em: 12 set. 2025.

Data de submissão: 13/09/2025. Data de aprovação: 15/09/2025.